

**Para além da
homossociabi-
lidade: a
escrita
homoerótico-
subversiva de
Michel Gall**

• Revista  **mosaico**

Roberto Muniz Dias¹
<https://orcid.org/0000-0003-0552-0235>
**Margareth Torres de
Alencar Costa²**
<https://orcid.org/0000-0003-3524-9503>
**Sebastião Alves
Teixeira Lopes³**
<https://orcid.org/0000-0001-6912-0105>

**Beyond
homosociability:
Michell Gall's
homoerotic-
subversive
rewriting**

Resumo

O presente artigo examina a reescrita literária de *A vida sexual de Robinson Crusóe*, de Michel Gall¹, sob o ponto de vista dos estudos pós-coloniais de Bhabha (1998) estudos *queer* em Butler (2019,2022), e na perspectiva da subalternidade, Spivak (2014). Gall levanta questões morais e sexuais não exploradas durante a permanência de Robinson Crusóe, por 28 anos, na ilha, para trazer à baila de forma subversivamente homoerótica a conhecida relação entre colonizador e colonizado. O objetivo do artigo é identificar a potencialidade contestatória desta reescrita. Para isso, utiliza-se a categoria sexualidade para a reflexão sobre essas ideologias estruturantes.

Palavras-chave: Michel Gall; A vida sexual de Robinson Crusóe; Reescrita literária; Homossexualidade.

Abstract

This article examines the literary rewriting of *The Sex Life of Robinson Crusoe*, by Michel Gall, from the point of view of postcolonial studies in Bhabha (1998) queer studies in Butler (2019,2022), and in the perspective of subalternity, Spivak (2014). Gall raises moral and sexual questions not explored during Robinson Crusoe's 28-year stay on the island, to bring to light in a subversively homoerotic way the well-known relationship between colonizer and colonized. The objective of the article is to identify the contesting potential of this rewriting. For this, the sexuality category is used to reflect on these structuring ideologies.

Keywords: Michel Gall; Robinson Crusoe's sexual life; Literary rewriting; Homosexuality.

¹ Existem as duas grafias: Michael e Michel. Preferimos usar a grafia de acordo com a impressão do livro de 1978. O autor usa o pseudônimo de Humphrey Richardson.

Introdução

*Just when I thought I couldn't stand it
another minute longer, Friday came.
(Accounts of that have everything all wrong.)
Friday was nice.
Friday was nice, and we were friends.
If only he had been a woman!
I wanted to propagate my kind,
and so did he, I think, poor boy.
He'd pet the baby goats sometimes,
and race with them, or carry one around.
—Pretty to watch; he had a pretty body.*

(Elizabeth Bishop, Crusoe in England)

678

Neste artigo, centramos na discussão da reescrita² de Michel Gall, publicada com o pseudônimo de Humphrey Richardson. Essa apropriação literária traz visões sobre a vida sexual do célebre aventureiro durante sua permanência na ilha que não foram apresentadas por Defoe. Questões outras, ora pitorescas ora escatológicas, são trazidas pela reescritura ousada e subversiva de Gall ao tratar de assuntos como zoofilia e homossexualidade, não desenvolvidas pelo autor inglês.

Estamos falando de dois contextos bem apartados pelo tempo, nos quais apenas o exercício da comparação diacrônica pode nos oferecer campo de análises entre ideias, comportamentos e ideologias. Robinson Crusoe é um personagem fictício criado pelo escritor inglês Daniel Defoe, e o protagonista do romance homônimo de 1719. A história relata a vida de um homem inglês, que se vê preso em uma ilha deserta por 28 anos. Durante todo esse tempo, ele tem que lidar com as dificuldades da vida selvagem, usando sua inteligência, determinação e fé para sobreviver. O personagem é considerado um dos mais clássicos, icônicos e canônicos da história da literatura e um dos mais conhecidos do mundo. Sua história foi adaptada para diversos filmes, televisão, programas de rádio e outras mídias ao longo dos anos. Robinson Crusoe também se tornou um símbolo da luta pela

² O romance apresenta um longo título: *The life and strange surprizing adventures of Robinson Crusoe, of York, mariner: who lived eight and twenty years, all alone in an un-inhabited island on the coast of America, near the mouth of the great river of Oroonoke; having been cast on shore by shipwreck, wherein all the men perished but himself. With an account how he was at last as strangely deliver'd by pyrates. Written by himself.* O alerta final que se trata de um relato escrito pelo próprio autor, fez com que o romance à época do lançamento fosse compreendido como relato de viagem não ficcional.

sobrevivência e triunfo dos desafios da vida. A Inglaterra no século XVIII foi um dos principais centros de desenvolvimento industrial e comercial da Europa. Este século marca o início da Revolução Industrial, com os avanços na produção de aço, algodão, carvão mineral e outros materiais. O século também foi marcado pelo crescimento da agricultura, com o desenvolvimento de novas técnicas de cultivo. Além disso, o comércio se expandiu, com novas rotas marítimas sendo abertas e a fundação de associações comerciais. Outra área importante de desenvolvimento foi a educação, com a criação de academias e universidades. O século também foi marcado pelo surgimento da Revolução Francesa e, conseqüentemente, pela desintegração do Antigo Regime.

Já em Michel Gall temos uma obra centrada do século XX, editada em Portugal em 1978. Há grandes diferenças entre os contextos históricos e sociais da época do Robinson de Defoe. Esta distância entre tempos nos permite avançar no tempo não apenas na ousadia da reescritura de Gall, mas nas mudanças sociais pelas quais passaram a própria Inglaterra, a Europa em si e o mundo. Estas transformações ao longo do tempo permitiram que a reescritura do texto canônico pudesse ser revista com os outros, nos quais outros valores erigiram o homem da modernidade tardia. Esta modernidade tardia é um termo usado para descrever o período da história moderna iniciado nos anos 1970, caracterizado por transformações culturais, políticas e tecnológicas. Esta etapa é marcada pela globalização econômica, a revolução tecnológica e a emergência de novas identidades culturais, que resultaram em uma série de mudanças sociais, econômicas e culturais. Esta modernidade também marca o aparecimento de novas formas de sociedade, como a sociedade da informação, a sociedade de consumo e a cultura do entretenimento. O aumento da diversidade cultural também é uma característica desta modernidade tardia.

Bem, situadas as histórias em seus contextos, adentremos o campo dos intertextos: campo movediço e maleável da reescrita de Gall que percorre caminhos não revelados por Defoe em sua obra original. Alguns assuntos são ignorados dentro da obra de Defoe. Por outro lado, dentro da obra *As aventuras sexuais de Robinson Crusóé* já centraliza uma discussão sobre a Zoofilia. Esta toma parte de quase dois terços da obra de Gall, revelando os aspectos morais que se evidenciam em condições adversas, longe dos holofotes inquisidores da sociedade e da Igreja.

Embora essa faceta da personagem não seja a mais importante para esse trabalho, a zoofilia serve também como elemento revelador das práticas sexuais encontradas na reescrita de Gall, já que apresenta a bestialidade como prática comum em seu período de isolamento e ainda exercida mesmo após a chegada do nativo, como pode ser observado a seguir:

Aconteceu que cerca de um mês após a chegada de Sexta-feira, um furúnculo em mau sítio obrigou Robinson a privar-se do contato com ele... Todavia, como a situação prolonga-se... Reveio-lhe o gosto das cabras e dirigiu-se à cerca. Agarrou a primeira cabra que lhe passou a mão e cobriu-a. Como se nadava ali! Já não se lembrava que era tão largo. Sexta-feira havia-o habituado a algo bem diferente. (GALL, 1978, p. 151).

O desejo a ser saciado rompe com preceitos morais que abominam a zoofilia, ecoando a ordem colonial que se instaura na ilha, baseada na exploração e luta por sobrevivência. Práticas de bestialidade, que poderiam tão prontamente serem associadas aos nativos tidos como primitivos afloram no comportamento do jovem europeu, questionando, em situação adversa, a racionalidade e capacidade de controle dos apetites sexuais consideradas tão caras ao homem dito civilizado. A *vida sexual do Robinson Crusóé* de Gall, contudo, não se limita a relatar o ato de cobrir cabras à beira de cercas, mas como estes comportamentos esdrúxulos quebram a ordem social, moral e política da herança inquebrantável do Robinson de Defoe.

Através do exame de *A vida sexual de Robinson Crusóé*, o presente ensaio mergulha na encafuada vida sexual do jovem náufrago europeu, observando como a reescrita de Gall subverte o hipotexto ao acrescentar elementos ligados à homossexualidade em um relacionamento já observado por diversas perspectivas, dentre as quais ressaltam-se as que observam a relação das personagens através dos binômios colonizador/colonizado, soberano/subalterno, civilizado/primitivo. Essa sexualidade a todo tempo friccionada na tensão das personagens, revela rupturas com a estrutura heteronormativa ao incorporar a personagem principal uma homossexualidade latente. Este comportamento contingencial nos remete aos postulados de Butler (2019) ao questionar o agenciamento do sexo por meio de reiteradas performances no campo do gênero. Segundo a filósofa a afirmação de uma teoria *queer* no lastro “de uma oposição a qualquer legislação involuntária de identidade” (BUTLER, 2022, p. 22). Neste sentido, o homem deve atuar sexualmente

de acordo com seu gênero. Padrão quebrado desde que Sexta-feira aparece na narrativa de Gall.

Essa releitura, como está aqui defendida, repercute em novos parâmetros para entender, através da apropriação de um texto canônico do século XVIII, os novos valores do *Zeitgeist* que nos cerca nos dias de hoje. Com isso, é possível encontrar uma conexão entre os pensamentos de épocas diferentes, aprendendo como a História nos pode ensinar sobre os valores que adotamos e como eles mudam ao longo do tempo. Dessa forma, podemos nos conectar aos ideais da modernidade e compreender o impacto que eles têm em nossas vidas. Além disso, a releitura de textos antigos, ou do ‘grande tempo’ em Bakhtin (2017), permite que expandamos nossa visão de mundo, possibilitando que entendamos melhor, dentro de uma obra literária, a complexidade dos ideais que norteiam nossa sociedade. A perspectiva é de uma análise pós-colonial, que em Bhabha (1998) confronta estes valores de um ideário nacional. Este nacional que reivindica corpos, sexos, orientações sexuais uniformizadas. Ao determinar uma ideia de nacional, ignoram-se as diferenças:

No entanto, a força narrativa e psicológica que a nacionalidade apresenta na produção cultural e na projeção política é o efeito da ambivalência da ‘nação’ como estratégia narrativa. Como aparato de poder simbólico, isto produz um deslizamento contínuo de categorias, como sexualidade, afiliação de classe, paranoia territorial ou ‘diferença cultural’ no ato de escrever a nação. (BHABHA, 1998, p. 200)

Na verdade, o que observamos na narrativa de Gall são verdadeiros deslizamentos de categorias como sexo, raça e orientação sexual que se misturam mais do que se uniformizam. Alinhada a este pensamento de contestação de uma nação uniformizada, segundo a teoria *queer*, temos Butler (2019) que vai advogar a performatividade da masculinidade e de sua instabilidade como efeito da norma, questionando, portanto, os papéis. Já na perspectiva da subalternidade em Spivak (2014), enfrentamos as estruturas do patriarcado/intelectual/colonizador:

De fato, o sujeito não é visto como uma consciência representativa (uma consciência que representa a realidade adequadamente). Esses dois sentidos de representação – no contexto da formação do Estado e da lei, por um lado, e da afirmação do sujeito por outro – estão relacionados, mas são irreduzivelmente descontínuos. Encobrir a descontinuidade com uma analogia que é apresentada como prova

reflete uma forma paradoxal de privilegiar o sujeito. (SPIVAK, 2014, p.40)

Neste sentido, a questão da representação é ponto crucial para a tese desenvolvida pela autora sobre o colonizador/intelectual que toma o lugar do subalterno e (tenta) fala por ele, figurando apenas uma postura meramente discursiva e retórica. Além de não sentir na pele o que é ser oprimido, não permite que este promova a própria interlocução ao falar e ser ouvido. As vozes polifônicas de vários subalternos, enredados num discurso homogeneizador dos diferentes interesses, encontram o respaldo no intelectual autointitulado pós-colonial, mas que não é capaz de vez o seu objeto de estudo como um sujeito autogerido, autorrepresentado, e, por conseguinte, é incapaz de reconhecer esta precariedade no discurso e tampouco criar uma alternativa para dirimir este problema. Por esta razão, a relevância da reescrita de Gall que coloca valores, performances e estrutura sociais rígidas em confronto com uma postura descentralizada no colonizador, dando margem a outras leituras a partir da homossexualidade como categoria de análise desta estrutura heteronormativa.

Reescritura: o heterocentrismo colonizador

A reescritura de um texto canônico pode ser usada como uma ferramenta de análise crítica de vários aspectos socioculturais; ainda mais se a perspectiva desse hipertexto for subversiva e utiliza a homossexualidade como elemento motivador dessa revisão narratológica. O romance se torna importante para o entendimento do poder da apropriação. Parafraseando Daniela Buksdorf (2015), a reescritura é uma verdadeira ferramenta (arma) de resposta literária (ontológica). A escolha de *A vida sexual de Robinson Crusó* (1978) dá-se por conta de sua potência catalisadora de análise crítica acerca de uma obra canônica, colocando em xeque algumas ideologias do colonialismo, especialmente o inglês, e da heteronormatividade, instituições que contribuem para a manutenção do patriarcado. Segundo Sedgwick, “numa sociedade dominada pelo *male social desire* (incluindo o desejo homossexual), há uma relação especial entre o desejo homosocial entre homens e as estruturas para manter e transmitir o poder patriarcal” (SEDGWICK, p. 25, 1985). Robinson Crusó aponta para o paradigma do homem branco heterossexual, que

explora a natureza e tira o fruto da terra para sua subsistência, sem prescindir para tanto da dominação e abuso do nativo, permitindo uma abordagem do romance na interseccionalidade das ideologias coloniais e patriarcais.

Em *A vida sexual de Robinson Crusoé*, Gall apresenta um prefácio explicativo que possui um propósito teleológico que bem se coaduna com a perspectiva de reler um clássico para além da tradução. Gall apropria-se das aventuras do náufrago inglês consagrado nas páginas de Defoe, cujo enredo o autor teria se inspirado no diário de Alexander Selkirk, marinheiro escocês, que teria passado quatro anos na então Más a Tierra, ilha que posteriormente, já por conta do sucesso do pioneiro romance inglês, receberia o nome de Robinson Crusoé. Gall retrata uma vida secreta de Robinson Crusoé, que não se restringia a jangadas ou à companhia de papagaios.

A sua história deu origem a brincadeiras muito picantes. Defoe, que retomou as suas aventuras numa perspectiva moralista, evitou fazer a mínima alusão a isso, ainda que seu Robinson não esteja totalmente isento de defeitos. Não sugere este autor alguns sonhos terríveis cheios de sadismo? (GALL, 1978, p. 8).

Gall deixa claro que discorda de Defoe no que diz respeito à ausência de tópicos relacionados à sexualidade, temática que faria parte da vida da personagem apesar da situação de isolamento social em que se encontrava. Nem mesmo diante da chegada de Sexta-feira, o motivo da tensão erótica entre homens, ainda que revelada pelas condições poder e submissão, é registrada pelo autor inglês, razão pela qual Gall continua seu manifesto no prefácio de sua obra:

O critério de uma época que viu aparecer inquéritos tão metódicos como o do Doutor Kinsey exige que essa lacuna seja preenchida. O relato que se segue não é mais do que uma tentativa para reencontrar até o menor pormenor, a realidade da vida secreta de Robinson Crusoé, que se desenrolou num universo menos vazio de mulheres do que habitualmente se pensa. (GALL, 1978, p. 8).

Gall explicita o objetivo da reescritura das aventuras célebre do náufrago. O foco recai sobre a vida sexual da personagem, que teria sido embiocada no romance de Defoe. O romance apresenta o revisionismo como uma necessidade histórica, já que novos tempos impõem novas perspectivas, em especial sobre a homossexualidade, que passou por grande resignificação desde o século XVIII.

A priori, tomamos essa passagem em que, em ambos os textos, o encontro

do homem branco com o nativo é dotado de grande significância. Esse encontro é ponto de partida para as análises a que se propõe este artigo, pois o embate dos dois mundos se dá no confronto entre duas culturas. Tanto em Defoe quanto em Gall, a narrativa enfoca o caráter canibalesco atribuído aos selvagens. Partimos então, dessa primeira abordagem sobre a cultura do colonizado, sob a perspectiva social e moral dos ocidentais em relação às práticas tribais.

O Sexta-feira de Gall apresenta-se ainda submisso ao seu mestre, fazendo com que a relação entre Robinson e Didi se revista do primado colonial, que, como dito antes, baseia-se na exploração da terra e dominação da população autóctone. Embora Gall atribua-lhe um caráter mais humano e dialógico, Didi é o exemplo da relação colônia-metrópole, sodomizador-sodomita. Tanto que, mesmo com a reprovação que nutria pela prática zoofílica por parte de Crusoé, Sexta-feira rende-se de forma subserviente.

Os olhos de Sexta-feira brilharam de curiosidade. Acima de tudo parecia espantado... Decidido a levar a coisa até o fim, convidou Sexta-feira a fazer o mesmo. Este teve um gesto de gênio. Abriu os calções e foi-se colocar ao lado de Robinson, anca com anca, manifestando o desejo de entrar na cabra ao mesmo tempo. (GALL, 1978, p. 151-152).

Tal como suas admoestações para com a religião, o aprendizado com o homem branco trazia novas práticas. Não há na narrativa de Gall juízo de valor em relação às práticas de zoofilia de Crusoé, embora estas sejam direta ou indiretamente condenáveis sob o ponto de vista moral de nossa sociedade. Existe apenas o relato das investidas. Por outro lado, o afeto entre os homens torna-se mais evidente a todo momento em que a questão da homossexualidade é abordada, esta que se revestia em tabu social. A relação homossexual que surge entre colonizador e nativo reforça um viés comparativa entre os dois romances, já que a forma como as personagens são descritas evidenciam uma crítica a como os corpos eram observados e a que práticas poderiam ser submetidos.

Os raios de sol brincavam com seus pelos; uns pareciam como a haste de um Cagaraspaki japônica. Outros se recurvavam na sua sombra à maneira de capim na mata. Toda a pele era apetecível como a terra que acaba de ser lavrada. Robinson chamou: "Didi". (GALL, 1988, p. 143).

Impossível não se ater apenas ao desejo sexual entre os personagens, mas

uma relação de poder se desenha entre colonizador e colonizado, revelando o poder sobre o corpo colonizado do outro. O homoerótico, por sua vez, não pode ignorado como força também catalizadora de uma relação para além da questão do poder. Tal perspectiva não podia ser observada no romance de Defoe, já que o autor descrevia Sexta-feira com outras nuances, baseadas mais na noção de homosociabilidade, como pode ser observado no trecho abaixo:

Mas voltando ao meu Novo Companheiro; Fiquei muito encantado com ele, e tornei meu dever ensinar-lhe tudo o que era apropriado para torná-lo útil, prático e prestativo; mas especialmente para fazê-lo falar e me entender quando eu falava, e ele era o Erudito mais apto que já existiu, e particularmente era tão alegre, tão constantemente diligente e tão satisfeito, quando ele podia apenas me entender, ou me fazer compreendê-lo, que foi muito agradável para mim falar com ele. (DEFOE, 2007, p. 177, tradução nossa).³

Em ambas as narrativas, o jovem Sexta-feira apresenta-se em condição de subalternidade. No entanto, a descrição de Gall apresenta uma perspectiva mais tenra e erótica do corpo do nativo. O erotismo do excerto de Gall, todavia, não ressalta a posição desprivilegiada e subalternizada do colonizado, colocando o corpo do nativo como objeto de desejo. O Sexta-feira de Gall submete-se aos jogos de prazer promovidos por Crusoé. Essa relação ultrapassa o conceito de homosocial proposto por Sedgwick, que reforça os laços das relações entre homens num jogo de poder e estabelecida nas descrições nada contidas no Crusoé de Gall:

Que elegância dos seus braços, de bíceps poderosos! Que encanto o dos seus ombros sólidos! E em que os lábios de uma mulher podiam ser mais agradáveis do que os lábios bem carnudos de Sexta-feira, que se abriam sobre uma dentadura perfeita? (GALL, 1978, p. 137).

A relação de poder que existia entre mulher e homem é trazida por Gall na comparação entre o desejo de Crusoé e Sexta-feira. Poder e desejo se confundem aqui, como se os laços entre homens representassem não apenas amizade, mas

³ Do original: But to return to my New Companion; I was greatly delighted with him, and made it my Business to teach him every Thing, that was proper to make him useful, handy, and helpful; but especially to make him speak, and understand me when I spake, and he was the aptest Schollar that ever was, and particularly was so merry, so constantly diligent, and so pleased, when he cou'd but understand me, or make me understand him, that it was very pleasant to me to talk to him. (DEFOE, 2007, p. 177).

amor e ao mesmo tempo submissão. No entanto, embora as descrições sejam comedidas quando se trata da relação de um homem para com outro, a descrição da primeira vez em que o Robinson Crusoe de Defoe avista Sexta-feira demonstra uma certa admiração. De certa maneira, esta sensação borra as dimensões entre observação e desejo, como ilustra-se abaixo:

Ele era um companheiro bonito, perfeitamente bem-feito; com membros retos e fortes, não muito grandes; alto e bem formado, e como eu calculo, cerca de vinte e seis anos de idade. Ele tinha um semblante muito bom, não um aspecto feroz e mal-humorado; mas parecia ter algo de muito viril em seu rosto, e ainda assim tinha toda a doçura e suavidade de um (sic) europeu em seu semblante (DEFOE, 2007, p. 173, tradução nossa).⁴

686

A reescrita de Gall subverte a narrativa de Defoe por agregar a questão da homossexualidade ao texto canônico, visto que a vida sexual do jovem é ignorada no enredo do hipotexto. Em contraponto, Gall subverte a construção desse herói, adentrando no universo das questões sexuais encafuadas. A forte influência do cristianismo sobre o romance canônico explica essa situação. Segundo Hunter:

Robinson Crusoe é construído com base em um padrão cristão familiar de desobediência-punição-arrependimento-libertação, um padrão estabelecido nas primeiras páginas do livro. [...] A avaliação contínua de Crusoe de sua situação mantém o conflito na linha de frente da ação ao longo de todo o processo, pois seu ataque não é o comentário superficial e não relacionado que alguns críticos descreveram, mas sim uma parte integrante do padrão temático estabelecido por Crusoe. rebelião e a profecia de seu pai de que Crusoe “será o mais miserável que já nasceu”. (HUNTER, 1996, p. 19, tradução nossa).⁵

Este padrão de obediência religiosa, como forma de evitar castigo e um destino fatídico, permeia o romance de Defoe. Robinson Crusoe bem retrata a ‘missão civilizatória’ da qual se imbuía o colonizador branco, que via na expansão do

⁴ Do original: He was a comely handsome Fellow, perfectly well made; with straight strong Limbs, not too large; tall and well shap'd, and as I reckon, about twenty six Years of Age. He had a very good Countenance, not a fierce and surly Aspect; but seem'd to have something very manly in his Face, and yet he had all the Sweetness and Softness of an (sic) European in his Countenance. (DEFOE, 2007, p. 173).

⁵ Do original: Robinson Crusoe is constructed on the basis of a familiar Christian pattern of disobedience-punishment-repentance-deliverance, a pattern set up in the first few pages of the book. [...] Crusoe's continual appraisal of his situation keeps the conflict at the forefront of the action throughout, for his appraisal is not the superficial, unrelated commentary some critics have described, but rather an integral part of the thematic pattern set up by Crusoe's rebellion and the prophecy of his father that Crusoe “will be the miserablest Wretch that was eever born”.(HUNTER, 1996, p. 19).

cristianismo justificativa para a dominação colonial. O tom evangelizador de Defoe pode ser percebido no trecho abaixo:

Depois disso, eu estava dizendo a ele [sexta-feira] como o diabo era o inimigo de Deus no coração dos homens, e usou toda a sua malícia e habilidade para derrotar os bons desígnios da providência e arruinar o reino de Cristo no mundo; e similar. (DEFOE, 2007, p.184, tradução nossa).⁶

Esse cristianismo puritano desembarca na América com uma retórica de catequização, disciplinação e uma prática de exploração, fazendo com que geografias e espíritos sejam igualmente colonizados. O trabalho visto também como forma de redenção da alma, justifica a escravização ou a mão-de-obra forçada, como ocorre em no *Robinson Crusoe* de Defoe.

A formação cristã da obra setecentista de Defoe, de forma dramática, entra em confronto com o mundo sociocultural do nativo, no momento em que o náufrago percebe os resquícios de uma cena de canibalismo, surpreendendo-se com a naturalidade com que Sexta-feira observa o mesmo cenário, conforme vê-se abaixo:

Mas eu não estava contente com esta Descoberta; mas tendo agora mais Coragem, e conseqüentemente mais Curiosidade, levo o meu Homem Sexta-feira comigo, dando-lhe a Espada na Mão, com o Arco e as Flechas nas Costas, que descobri que ele sabia usar com muita destreza, fazendo-o carregar uma Arma por mim, e eu dois por mim mesmo, e marchamos para o Lugar, onde essas Criaturas estiveram; pois eu tinha uma Mente agora para obter uma Inteligência mais completa deles: Quando cheguei ao Lugar, meu próprio Sangue gelou em minhas Veias, e meu Coração afundou dentro de mim, no Horror do Espetáculo: De fato, foi uma visão terrível. (DEFOE, 2007, p. 174, tradução nossa).⁷

A ideia de regozijar-se em carne humana assombra os olhos (e embrulha o estômago) do jovem europeu. Já Sexta-feira contempla a cena com serenidade, até mesmo explicando e justificando a prática, que poderia inclusive ter acontecido

⁶ Do original: After this, I had been telling him [Friday] how the Devil was God's Enemy in the Hearts of Men, and used all his Malice and Skill to defeat the good Designs of Providence, and to ruine the Kingdom of Christ in the World; and the like. (DEFOE, 2007, p.184)

⁷ Do original: But I was not content with this Discovery; but having now more Courage, and consequently more Curiosity, I take my Man Friday with me, giving him the Sword in his Hand, with the Bow and Arrows at his Back, which I found he could use very dextrously, making him carry one Gun for me, and I two for my self, and away we march'd to the Place, where these Creatures had been; for I had a Mind now to get some fuller Intelligence of them: When I came to the Place, my very Blood ran chill in my Veins, and my Heart sunk within me, at the Horror of the Spectacle: Indeed it was a dreadful sight. (DEFOE, 2007, p. 174).

consigo. Vale ressaltar que o canibalismo povoou o imaginário europeu no que diz respeito à América, tornando-se termo a designar diversos povos (adeptos ou não da prática) e mesmo toda uma região. Essa alusão encontra-se fossilizada na personagem shakespeariana Caliban, de *A tempestade* (1611), anagrama de canibal, drama que inclusive serve de fonte para Defoe construir Robinson Crusoé, um século depois.

Trata-se de uma daquelas práticas inaceitáveis para o olhar do colonizador, que passam a ser percebidas como prova irrefutável da superioridade civilizacional da Europa e de barbárie dos nativos, o que justifica o extermínio, escravização e evangelização de povos, apontados como primitivos ou bestas selvagens. Gall, contudo, coloca a bestialidade, desta feita sexual, nos ombros do Europeu civilizado, ecoando a antiga indagação de Montaigne sobre quem seriam os civilizados, se os europeus ou os nativos americanos.

A ideologia patriarcal cristã apresenta-se como alicerce do comportamento do colonizador Europeu, mesmo em isolamento social. Isso se constata no arcabouço do discurso erigido sob a figura masculina do pai, sempre provedora e mantenedora da família. A figura masculina do progenitor é muito importante no Robinson Crusoé de Defoe, pois é por conta da repreensão e do castigo, que a personagem receia retornar para casa, após ter iniciado sozinho em uma viagem aventureira. O pai, como citado anteriormente, representa o modelo cristão da obediência e dos valores morais. Sobre esses alicerces constroem-se e perpetuam-se valores de virilidade e superioridade masculina. Como aponta Oliveira (2004, p. 103), “os relacionamentos interpessoais, e conseqüentemente a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo”. O modelo do discurso da dominação masculina se manteve como princípio norteador de sistemas de governo, de estruturas militares, socioeconômicas e, principalmente, religiosas. No entanto, enquanto nos deparamos com o modelo de Crusoé como um homem que intervém na natureza, a questão da providência construída com seu esforço também se perfila.

No entanto, estamos falando da Inglaterra do século XVIII, que se torna uma das maiores forças econômicas do planeta graças ao mercantilismo e seu modo de produção exploratório, sendo o trabalho escravo o propulsor desse sistema. Tornando-se também, ao longo dos séculos seguintes uma grande potência

marítima. Segundo Oliveira:

Os projetos expansionistas nacionais fomentaram um clima belicoso entre os países, estimulando uma formação militar com ênfase no heroísmo, destemor diante da morte e sacrifício. Lidar com dor e perigo era, ao mesmo tempo, uma preparação para a guerra e também um exercício e treinamento da autêntica masculinidade. (OLIVEIRA, 2004, p. 28).

Esse excerto coloca em evidência esse jogo de poder militar e a masculinidade como constructos naturais destas qualidades que devem ser observadas e preservadas neste projeto de construção deste nacional uniformizado e uniformizante. Essa situação colocava a Inglaterra em posição de destaque dentro do projeto expansionista do branco europeu. A chegada do Crusoé de Defoe à ilha é uma ilustração do homem que conquista, provém sua subsistência e coloniza de acordo com seus valores.

Por fim, ele deita sua cabeça no chão, perto de meu pé, e coloca meu outro pé sobre sua cabeça, como havia feito antes; e depois disso, fez para mim todos os Sinais de Sujeição, Servidão e Submissão imagináveis, para que eu soubesse como ele me serviria enquanto vivesse; Eu o compreendia em muitas coisas, e disse-lhe que estava muito satisfeito com ele; em pouco tempo comecei a falar com ele e ensiná-lo a falar comigo; e primeiro, fiz com que ele soubesse que seu nome deveria ser sexta-feira (DEFOE, 2007, p. 174, tradução nossa).⁸

A nomeação de Sexta-feira não é feita à toa. Como sempre o colonizador impõe o *modus vivendi* de sua cultura ao colonizado. Nomear aqui implica não apenas intitular ou apelidar um ser humano, mas subentende a posse da pessoa. Está delineado o propósito de Sexta-feira na nova ordem de subalternidade, que, com lealdade e respeito, deve servir ao seu suposto salvador.

A reescrita: um libelo a favor da sexualidade descolonizada

Segundo a professora DeLuna (2004), não há por que se falar em releitura

⁸ Do original: At last he lays his Head flat upon the Ground, close to my Foot, and sets my other Foot upon his Head, as he had done before; and after this, made all the Signs to me of Subjection, Servitude, and Submission imaginable, to let me know, how he would serve me as long as he liv'd; I understood him in many Things, and let him know, I was very well pleas'd with him; in a little Time I began to speak to him, and teach him to speak to me; and first, I made him know his Name should be Friday. (DEFOE, 2007, p. 174).

gay de Robinson Crusoe. Entre argumentos sobre economia, ideais religiosos, a autora do ensaio *Robinson Crusoe, Virginal Hero of the Commercial North* refuta qualquer releitura gay sobre este texto canônico de Defoe. Segundo a autora, não há razões para se falar numa homossexualidade de Crusoe, uma vez que os valores trazidos por Defoe se centram em questões mercantis e religiosas, ratificando os grandes eventos mercantis do governo Inglês. No entanto, é plausível que as relações entre homens se estabeleçam por normas de poder, respeito, hierarquia e sexo (tensão), tomado como elemento de dominação, hierarquia e prazer. As relações de poder são determinantes para a manutenção do patriarcado, centrado nesse homem desbravador aos moldes de Crusoe.

A amizade masculina figura centralmente no drama e na ficção do século XVIII, desde as amizades heroicas do drama da Restauração até os laços de amizade que são celebrados em romances ao longo do século. Vários relatos de devoção homem-homem desafiam o status quo e invocam modelos clássicos como um meio de trazer homens de diferentes níveis para uma relação significativa uns com os outros. Essa tradição continua no século XIX e além, mas por razões importantes com esse tema e com tantos, o século XVIII testemunha desenvolvimentos fundamentais no significado de amizade em uma cultura cada vez mais modernizada (HAGGERTY, 2018, p. 64, tradução nossa).⁹

Então, seria estranho não antecipar tensões entre os homens (suas amizades e relações de poder) sem que a questão da masculinidade e homossexualidade fossem rechaçadas ou reiteradas. Por essa razão, Sedgwick (2015) se pergunta por que não existe uma relação pacífica entre o continuum de “homens-que-promovem-interesses-entre-si” e “homens-que-amam-homens”? A pergunta é bem pertinente, uma vez que é mais comum existir este continuum entre as mulheres:

Bem ao contrário: muito dos escritos mais recentes sobre estruturas patriarcais sugerem que a “heterossexualidade compulsória” é construída sobre sistemas de parentesco homem-dominador, ou que a homofobia é necessária consequência para instituições patriarcais como o casamento heterossexual”

⁹ Do original: Male friendship figures centrally in the drama and fiction of the eighteenth century, from the heroic friendships of Restoration drama to the Friendship bonds that are celebrated in novels throughout the century. Various accounts of male-male devotion challenge the status quo and invoke classical models as a means of bringing men of different ranks into meaningful relation with each other. This tradition continues into the nineteenth century and beyond, but for important reasons with this topic and with so many, the eighteenth-century witnesses key developments in the meaning of friendship in an increasingly modernize culture. (HAGGERTY, 2018, p. 64).

(SEDGWICK, 2015, p. 3, tradução nossa)

A teoria *Queer* em Butler (2019) analisa as relações políticas e sociais entre as comunidades de identidades LGBT; problematiza as relações de tensão entre centro e margem a fim de evidenciar as diferenças e arbitrariedades a que são submetidas. Segundo Tadeu Tomaz da Silva, “pensar queer significa questionar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *queer* é, nesse sentido, perversa, subversiva, irreverente, profana, desrespeitosa” (SILVA, 1999 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 60).

Certamente, o que observamos na obra de Gall é uma verdadeira quebra dos valores sociais e religiosos que são tema central da obra canônica de Defoe. No romance de Gall, a cena do estupro de Sexta-feira ecoa as relações coloniais de dominação e subalternização, já que retoma a metáfora do desvirginamento da terra e estupro dos corpos autóctones, tão emblemáticos da relação de conquista.

Robinson tentou libertar uma das mãos, que Sexta-feira mantinha presas entre os joelhos e o ventre. Robinson babava-se sobre a sua nuca esticada (sobe um amplexo, ela amolecia). Mordeu-a cruelmente. O selvagem deu um salto. Robinson libertou uma das mãos; a outra ficou bem fornecida...Robinson, como que levado pelo seu próprio peso, ENTERROU-SE dentro de Sexta-feira. Um grito. Depois o silêncio. O selvagem ficou inerte, descontraído-se lentamente. O movimento de vaivém emabalá-lo-ia? Creio antes que antes lhe fazia doer, mas não tenho certeza. (GALL, 1978, p.146).

A passagem em tela pode ser comparada com a exploração do colonizador sobre a terra “descoberta” ou invadida como uma cena de cópula indesejada. Essa relação homossexual abusiva torna-se paradigmática da relação de conquista, que, como dito, envolve a exploração da terra e dos habitantes nativos.

A releitura de Gall utiliza o eu diegético em primeira pessoa, como se fosse ou tivesse sido um relato testemunhal da narrativa elucidada. Nesse excerto percebemos que a característica do homem desbravador se confunde com o sexo não consentido, embora o autor deixe no ar dúvidas em relação à carga de prazer que tenha promovido ao colonizado submisso. Mas é justamente sobre estas tensões entre o desejo dos corpos que a reescrita de Gall surge como um verdadeiro libelo da diferença do desejo e do amor. A relação estabelecida entre Crusóe e Didi são verdadeiras fissuras no projeto de controle dos corpos e desejos *queer*.

O tempo corria na maior harmonia. As palmas balouçavam-se ao vento, à maneira de grandes leques, e as aves gorjeavam nos ramos. Sexta-feira, sempre o primeiro a levantar-se, ia tratar das cabras e levar o leite para o patrão. Acordava-o com um beijo. (GALL, 1978, p. 148).

A reescrita deve funcionar como um projeto político de discussão de problemáticas modernas, não ventiladas pelas obras canônicas, como vemos em Defoe, voltado para a exaltação do vanguardismo britânico no mundo colonial/mercantilista. Essa perspectiva discursiva do texto canônico abre brechas para análises sincrônicas e diacrônicas, possibilitando a investigação da sociedade àquela época, mas abordando questões importantes para o mundo moderno.

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da mulher do 'Terceiro mundo', encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2014, p. 157).

Neste sentido de analisar o discurso do patriarcado, Spivak aponta para questões importantes para a literatura e sociologia. Escancara a situação da mulher, silenciada, vilipendiada, esquecida, subalternizada; possibilita a percepção de um continuum desde os estudos feministas e culturais aos estudos *queer*, mostra como a posição de algumas minorias se coloca comparável à realidade da mulher. O patriarcado subjuga, oprime, silencia o subalterno. Por essa razão, os paralelos se intensificam quando a estrutura narrativa coloca o homem como o executor dos projetos de intervenção na natureza. Ele edifica e constrói. Por isso, o projeto de reescritura de Gall ganhar importante análise sócio-política neste artigo, dando voz (não com permissão, mas como resgate histórico) a sujeitos subalternizados. Aliás, toda a composição crítica de Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2014) é de construção deste subalterno que é erigido sob o olhar do Outro; dos Outros que usurpam o seu direito de falar.

Em *A vida sexual de Robinson Crusóé*, Gall tenta dar voz ao nativo, apresentando não apenas o corpo desejado pelo colonizador, apesar de a interação entre os dois ainda ser verticalizada. O naufrago de Gall reconhece que aprende com Didi, e que experiências do nativo enriquecem suas ideias.

Ao comentar sobre a apropriação pós-colonial de *A tempestade*, Daniela

Buksdorf defende que “[Aimé] Césaire faz o mesmo com o personagem de Caliban, o qual é apresentado por Shakespeare como um selvagem sem valores, enquanto que Césaire o apresenta como o valente opositor da colonização (2015, p. 99). Gall apresenta Sexta-feira como um sujeito instituído de desejo, embora ainda considerado um selvagem. Aqui o corpo fala, deseja e tem cor. A desconstrução da personagem em Gall elabora, ou pelo menos suscita, a discussão sobre valores morais e éticos, que não foram questionados quando o náufrago Crusoé de Defoe deflorou a ilha ‘virgem’.

Todas as manhãs, o antigo londrino dava uma lição ao selvagem e ensinava-lhe inglês. À noite, quando estavam deitados um contra o outro na grande cama para dois que tinham acabado de fabricar, Sexta-feira recitava a lição a meia voz ao ouvido de Robinson. A cada erro batia-lhe num sítio qualquer do corpo ou então dava-lhe um castigo (beijar-lhe o pé ou morder-lhe a coxa). Este jogo divertia tanto Sexta-feira que por vezes fazia de propósito para se enganar. (GALL, 1978, p. 155).

Torna-se importante a construção (recriação) da personagem Sexta-feira, embora sua condição de subalternidade e alteridade ainda persista na apropriação de Gall. No entanto, a relação sexual alinha a narrativa aos estudos pós-coloniais na medida em que discute como as relações entre centro-margem, metrópole-colônia, homem-mulher, heterossexualidade-homossexualidade são fissuradas pela narrativa erótico-homoafetiva.

As mulheres não faziam falta nenhuma a Robinson. Estava muito apaixonado por Sexta-feira. Estava saciado. Todavia, como o selvagem, apesar de seu físico de Apolo, era no fundo uma natureza muito doce e submissa, mas pouco sentimental... Robinson envergonhava-se de suas exigências sexuais. Tinha pejo de lhe pedir que o deixasse servir-se dele várias vezes por dia. (GALL, 1978, p. 49).

A homoafetividade trazida por Gall, para além do sexual, traz à tona os elementos da estrutura familiar heterossexual e procriativa. O afeto entre Crusoé e Sexta-feira desestabiliza as estruturas fundantes da família e por conseguinte, do patriarcado. Remontar a um passado de glórias e conquistas (engessados e glorificados em textos canônicos), passa pelo registro do empréstimo, do saque, da pilhagem, da eugenia desvairada, do silenciamento, da heterossexualidade compulsória. A pós-colonialidade, como categoria de análise dos fluxos históricos e

construção de ideologias patriarcais, permite a avaliação dos erros cometidos com a assunção do homem branco (cristão, cidadão, heterossexual) sobre a construção da ocidentalidade.

Tanto para a teoria queer quanto para a teoria pós-colonial, é preciso pensar no moderno sistema-mundo como um entrecruzamento de sexo-raça-capitalismo, um campo de formas distanciado da lógica binária que é a base da ontologia moderna ocidental, fundada em dualismos que encerram em si uma hierarquia: Homem/mulher; sociedade/natureza; heterossexual/homossexual. (BELIZÁRIO, 2013, p. 385).

Nessa conjugação semântica e teleológica estes estudos se compatibilizam na perspectiva de análise do processo de construção da “História”, que nem sempre é contada por nós, mas pelos Outros. Esta perspectiva de protagonismo é um resgate de uma narrativa mal contada, que começa a ser reivindicada por outros sujeitos, com suas próprias referências, até então desvalorizadas ou silenciadas. A resposta à pergunta retórica, feita por Spivak (2014), no seu icônico livro se desdobra em tantas outras: Pode o gay falar? Pode a travesti falar? Pode o favelado falar? Pode o refugiado falar? Pode o sujeito não-binário falar? Pode o colonizado, negro e gay Sexta-feira falar? Cabe a nós, não só por solidariedade etnológica, ideológica, linguística ou qualquer outra aproximação, reivindicar o direito de todos poderem reescrever suas histórias.

Considerações finais

O presente artigo penetrou nos meandros nada silenciosos da narrativa de Gall, ao recontar as aventuras sexuais de Robinson Crusoe. Sob o esteio dos estudos pós-coloniais em Bhabha (1998) e Spivak (2014), da teoria *queer* em Butler (2019, 2022), essa proposta de análise questionou o jogo ideológico do sistema patriarcal baseado numa estrutura de longa propagação histórica. Os valores estéticos de uma heteronormatividade permeiam de forma insidiosa toda uma ideologia de perpetuação de normas e valores a serem estritamente cumpridos. A literatura serviu para os préstimos de uma valorização de determinados comportamentos, embora representassem a realidade, poderiam também manipulá-la. Neste diapasão, grandes escritores se tornaram o arauto de valores edificados ao longo da história, silenciando personagens e situações. Para isso, efetuou-se uma

leitura comparada dos dois romances em tela, confrontando valores e situações com este olhar pós-colonial, *queer* e subalterno.

O diálogo entre essas abordagens promove uma base lógica e discursiva destas histórias recontadas ao longo do tempo. Neste processo de reanálise (recriação, reescritura, apropriação, ressignificação), as personagens ganham literalmente corporeidade e voz. As performances dão vida a ações relegadas nos textos canônicos a serviço da estrutura socioeconômica.

Gall dá vida autônoma a Didi, seu Sexta-feira, que passa a ser, além do vassalo, amante de Robinson Crusóé. O romance torna-se ainda mais subversivo por expor, sem pudores, as práticas sexuais das personagens, revelando inclusive as práticas de zoofilia do jovem náufrago. A discussão final, presente nos últimos capítulos do romance, desvelam, contudo, os valores morais e éticos que erigiram este sujeito europeu. Mas a leitura de nossos tempos, firmados numa desestabilização do sujeito como heterossexual, nos coloca em eterna performance destas categorias de gênero e sexo; entre colonizador e colonizado; entre subalterno e autonomia. Especialmente autonomia dos corpos não hegemônicos (não heteronormativos) desejantes.

Há uma apropriação subversiva em Gall que nos faz pensar no poder *queerificador* da faceta homoerótica em sua reescrita. Uma verdadeira ferramenta de releitura do espaço tradicional (leia-se heterossexual, patriarcal, machista, misógino, colonizador) da narrativa canônica escolhida como hipotexto. Uma resposta tão subversiva quanto necessária.

Artigo recebido em 26 de outubro de 2022.

Aprovado para publicação em 02 de março de 2023.

Referências

BELIZÁRIO, Fernanda. Por uma teoria queer colonial: colonialidade de gênero e heteronormatividade ocupando as fronteiras e espaços da tradução. *In: V CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS: Gênero, direitos humanos e ativismos*, 5., 2016, [S.l.]. **Atas** [...], [S.l.], 2016, p. 385-391.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo, Editora UNESP, 2022

BUKSDORF, Daniela. La reescritura como herramienta de respuesta literária. **La Palabra [online]**. n. 27, p.95-106, julio-diciembre 2015.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe** [1719]. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GALL, Michel. **A vida sexual de Robinson Crusoe**. Edições Afrodite. Portugal, 1978.

HAGGERTY, Georgy E. **Erotic Friendship**. *In: Queer Friendship: Male Intimacy in the English literary tradition*. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. p. 64-119.

HUNTER, J. Paul. **The reluctant pilgrim**: Defoe's emblematic method and quest for form in Robinson Crusoe. University of Michigan. Johns Hopkins Press, 1966.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas**: a construção de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SEDGWICK, Eve. **Between men**: English literature and male homosocial desire. Nova Iorque: Columbia University Press, 2015.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

Sobre a autoria

¹Doutorado em Letras (2023) pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: robertomunizdias@gmail.com.

²Doutora em Letras (2013) pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: margarethtorres@cchl.uespi.

³Pós-Doutorado (2007) pela Universidade de Winnipeg, Canadá. Pós-Doutorado (2014) pela Universidade de Londres/School of Oriental and African Studies, Inglaterra. Doutor em Letras (2002) pela Universidade de São Paulo. Professor associado da Universidade Federal do Piauí. E-mail: slopes10@uol.com.br.